

LINGÜISTAS OU CAMALEÕES? Uma resposta a Tarallo

José BORGES NETO (Universidade Federal do Paraná)
Ana Lúcia de Paula MÜLLER (Universidade Federal do Paraná)

ABSTRACT: The section DEBATE of this journal has recently published an intriguing article by Fernando Tarallo (1986), in which a certain detachment of the linguist from the theory he usually follows is recommended as a means of enriching linguistic analysis. Sensible as it may look at first sight - nothing may seem wiser than being aware of the limitations of a theory and of being capable of taking into consideration the data - Tarallo's recommendation may have extremely harmful results if certain general traits of scientific theories and of Brazilian culture are taken into account.

1. Zelig, um camaleão-lingüista.

Zelig é um indivíduo que padece de uma doença notável: ele não tem personalidade própria, mas adapta sua personalidade à das pessoas com quem mantém contato. O tratamento psiquiátrico a que foi submetido conseguiu controlar a personalidade camaleão de Zelig, de modo que ele pudesse ter vida normal. O camaleão, no entanto, não foi extirpado e de vez em quando aflora. Em função da existência do camaleão subjacente, Zelig é um ser mais adaptado do que os seres de personalidade única.

Zelig passa, pois, a viver através de uma

alquimia, aparente e socialmente bem dosada, entre o ex-camaleão e o "ser-camaleão". É a persistência, a nível subjacente, do ex-camaleão que se deve a salvação de Zelig em momentos difíceis. Como resultado inevitável desta combinação mágica desponta a grande ironia: a própria doença pode acarretar sanidade e cura.

(Tarallo 1986: 128).

O trabalho de Tarallo tem como objetivo recomendar um certo descomprometimento do lingüista com o modelo em que atua, uma vez que é desejável uma certa quantidade de *doença* na pesquisa lingüística para que esta se torne sã.

O lingüista existente em nós deveria ser, na realidade, mais 'zeligiano' que o pretendemos e o fazemos. Em outras palavras, uma certa dosagem de 'falta' de personalidade acirradamente teórica poderá levar o lingüista a resultados mais condizentes com os fatos que se propõe a analisar.

(Tarallo 1986: 128-129)

A argumentação de Tarallo em favor de sua recomendação passa por uma interessante análise de trabalhos sobre *Topicalização* (TOP) e *Deslocamento à esquerda* (DESL), distinção que remonta a Ross e que tem sido recentemente retomada de um ponto de vista pragmático-discursivo. Trabalhos sobre o inglês associam a TOP a função (pragmático-discursiva) de retomada de elementos velhos no discurso, enquanto a DESL associam a função de apresentação de elementos novos (ver referências em Tarallo 1986).

Na medida, porém, em que se pretende adotar a mesma análise para os dados do português, aparecem problemas: em função de características próprias do português, ligadas ao parâmetro *pro-drop*, a distinção

TOP/DESL não parece ser tão clara como é no inglês. É possível, por exemplo, encontrar TOPs que parecem ter a função pragmático-discursiva de DESLs; o número de DESLs registrados em português é extremamente reduzido, em comparação com o número de TOPs, etc.

Para Tarallo, estas dificuldades aparecem na medida em que, adotando a perspectiva do discurso, esquece-se dos fatos sintáticos; ou na medida em que se esqueçam os fatos discursivos quando adotada uma perspectiva puramente sintática para a análise dos dados.

TOPs e DESLs não poderão ser devidamente analisados sem que se considerem as estratégias anafóricas mais gerais que o falante usa.

(Tarallo 1986: 137).

O ponto central da argumentação de Tarallo, então, consiste na sugestão de que uma análise puramente sintática, bem como uma análise puramente discursiva, não se constituirão em análises satisfatórias dos fatos envolvidos em TOP e DESL.

Resta-nos, conseqüentemente, tentar chegar a um certo descomprometimento com o modelo em que atuamos e procurar em sub-áreas afins, outras possíveis soluções para um problema, soluções estas que, em sua complementaridade, somente enriquecerão a qualidade de nossas análises.

(Tarallo 1986: 142)

Em outras palavras, a única saída é nos tornarmos, todos, camaleões.

2. A ciência e o cientista-camaleão.

O camaleão de Tarallo pode ser entendido de dois modos: num sentido "ser camaleão" significa ser *não-dogmático*; noutra sentido "ser camaleão" significa ser *eclético*. Quanto ao não-dogmatismo, nada temos a

objetar. O não-dogmatismo não só é uma característica desejável na ciência como é uma condição necessária para o avanço científico.

Para se fazer uma descoberta, é preciso desconfiar das idéias que estão em voga - e desconfiar não pelo simples prazer de desconfiar, mas seriamente. (...) Uma idéia nova só aparece quando deixamos de acreditar na antiga.

(Jerne 1985: 6)

Agora, aparentemente, o camaleão de Tarallo é eclético, e é deste camaleão que gostaríamos de discordar.

Uma das personagens do texto de Tarallo é um historiador da Linguística ("tal historiador tanto poderia ser o narrador como o leitor do presente roteiro"). Vamos assumir, então, a posição de um historiador da Linguística diante da recomendação de Tarallo. Como não conseguimos ver um historiador como mero cronista da Linguística, precisamos escolher alguma metodologia de história da ciência, que assuma uma determinada imagem da ciência, para que possamos analisar o texto. Escolhemos a *Metodologia dos Programas de Investigação Científica* de Imre Lakatos (há outras metodologias que poderíamos escolher - Popper, Kuhn, Feyerabend, etc. - e que talvez nos levassem a resultados diferentes. A metodologia de Lakatos, no entanto, nos parece adequada para a tarefa).

2.1. A Metodologia dos Programas de Investigação Científica.

A metodologia de Lakatos assume que é desejável que haja, constantemente, teorias em competição. A história da ciência não é a história de teorias sucessivas, mas de teorias concorrentes. Assume também que a ciência tem uma base convencionalista e que, em decorrência, o cientista não abandona uma teoria porque

se encontraram contra-exemplos a ela (foi falseada), mas, ao contrário, faz o possível para mantê-la.

Um Programa de Investigação Científica consiste em:

a) um NÚCLEO (*hard core*), que contém as assunções e as leis explanatórias básicas;

b) uma HEURÍSTICA NEGATIVA, que consiste em princípios metodológicos com duas funções: proteger o núcleo de refutações (i.e., a heurística negativa dirige as refutações às hipóteses auxiliares e não ao núcleo) e impedir tentativas de explicação radicalmente diferentes do previsto pela heurística positiva (p.ex., o uso de explicações discursivas no programa da gramática gerativa transformacional);

c) uma HEURÍSTICA POSITIVA, que é uma "política de desenvolvimento" do programa, ou seja, uma seleção e uma ordenação dos problemas que os cientistas devem tentar resolver. É um plano que conduz à sofisticação progressiva dos modelos explicativos no interior do programa.

O programa avança pela elaboração de uma série de teorias, todas compartilhando o mesmo núcleo, mas cada uma delas contradizendo suas predecessoras.

A avaliação de um programa é feita em termos da tendência que a série de teorias apresenta na direção do progresso ou da degeneração.

Diz-se que um programa de investigação é *progressivo* enquanto seu desenvolvimento teórico antecipa seu desenvolvimento empírico, ou seja, enquanto seguir predizendo com êxito fatos novos (*mudança progressiva de problemas*); é *paralizante* se o seu desenvolvimento teórico se atrasa em relação a seu desenvolvimento empírico, isto é, sempre que não oferece senão explicações *post hoc*, seja de fatos previstos, e descobertos em um programa rival, seja de desco-

brimentos casuais (*mudança degenerativa de problemas*).

(Lakatos 1978: 112)

Segundo Lakatos, enquanto se ocupa da tarefa de construção de teorias, o cientista ignora os contra-exemplos que eventualmente sejam apontados contra suas teorias, assim como ignora os *dados*, anteriormente disponíveis, que não são fruto de previsões de sua teoria.

(o cientista) afunda-se na sua cadeira, fecha os olhos e esquece os dados. (...) Ocasionalmente, é claro, ele faz à Natureza uma pergunta manhosa: ele será encorajado pelos SIM da Natureza, mas não será desencorajado pelos NÃO.

(Lakatos 1978: 50, n.1)

Os problemas racionalmente escolhidos por cientistas que trabalham em programas de investigação poderosos são determinados pela heurística positiva do programa, muito mais do que pelas anomalias psicologicamente preocupantes (ou tecnologicamente urgentes).... São precisas concentrar sua atenção em anomalias os cientistas empenhados em exercícios de ensaio-e-erro ou que trabalham na fase degenerativa de um programa de investigação, quando a heurística positiva perde o gás.

(Lakatos 1978: 52)

2.2. A metodologia de Lakatos e o cientista-camaleão.

Um historiador da Linguística que concorde com Lakatos não pode concordar com a recomendação de Tarrallo.

Dois programas de investigação distintos, com núcleos e heurísticas distintas, como parece ser o

caso do gerativismo e da "pragmática-discursiva", não admitem, a nenhum título, soluções de compromisso - o único modo de sintetizar as duas propostas (e note-se que falamos em *sintetizar* e não *justapor*) é o estabelecimento de um terceiro programa, com núcleo e heurísticas próprias. E aí não se pode mais falar em gerativismo ou em pragmática-discursiva.

Se a metodologia de Lakatos nos dá uma imagem adequada do funcionamento da ciência linguística (hipótese que achamos bastante plausível), a atitude do não-camaleão é a atitude a se esperar (a atitude racionalmente desejável).

Tarallo constata, mas não compreende porque talvez lhe falte uma fundamentação epistemológica, a postura não-camaleão do gerativista.

São muitos os exemplos de fatos linguísticos sob o prisma empirista que efetivamente demonstraram o artificialismo das propostas gerativas... Raras são, no entanto, as tentativas de gerativistas de rever fatos analisados pelos empiristas com o intuito de efetivamente demonstrar a magnanimidade de seu próprio modelo.

(Tarallo 1986: 132)

Ora, o gerativista, engajado num programa de investigação cuja heurística positiva é bastante forte e que inegavelmente é um programa progressivo, não vai se ocupar de "fatos" que seguidores de outros programas consideram contra-exemplos efetivos contra suas análises. O gerativista tem mais com que se ocupar do que ficar respondendo aos outros. Ele não precisa "demonstrar a magnanimidade de seu próprio modelo" porque, para ele, isto está acima de qualquer dúvida (note-se que, de qualquer forma, esta "demonstração" não teria valor científico, mas apenas valor retórico).

Enganado novamente por uma falsa imagem da ciência

cia, Tarallo vai buscar nas atitudes individuais dos cientistas as razões para esse aparente desprezo dos gerativistas pelos "fatos" dos empiristas.

A razão disso, reflete o historiador, talvez resida na obsessão do transformacionista de não se transformar: uma grande ironia e um forte não-camaleão!

(Tarallo 1986: 132)

Uma visão panorâmica da Gramática Gerativa Transformacional (GGT) - e espera-se que um historiador da Linguística a possua - não nos permite jamais afirmar que o transformacionista seja um obsecado pela não-transformação, pelo imobilismo. Uma das características mais marcantes da GGT, na sua história, é a constante revisão do modelo (é a numerosa série de teorias que constitui o programa da GGT, na terminologia de Lakatos).

O fato de o empirista ser menos não-camaleão, por outro lado, só revela que o programa de investigação no âmbito do qual ele trabalha é menos progressivo do que a GGT. Talvez a heurística positiva não esteja bem estabelecida; talvez o núcleo assumido não seja adequado, etc.

Admitindo-se que a análise de Tarallo sobre a questão dos TOPs e DESLs em português seja correta, teríamos demonstrada a inadequação de ambos os programas (o gerativismo e a pragmática-discursiva) para o tratamento destes dados em português. Daí não decorre necessariamente que os programas devem ser abandonados (os NÃO da Natureza não desencorajam os cientistas), nem decorre a postulação de um maior despreendimento em relação aos modelos, como Tarallo faz crer.

Tarallo toca numa questão fundamental, ainda não resolvida pela Filosofia da Ciência, que é o estabelecimento do papel das teorias científicas na investigação da realidade. Questão que deve ser discutida de um ponto de vista mais geral, porque vai muito além

da análise de TOPs e DESLs em português, ou de qualquer outro dado empírico.

Um programa de investigação científica nos pretende dar uma compreensão unificada da realidade, permitindo-nos predizer o comportamento de um objeto em diferentes situações. A explicação de diferentes aspectos de um fenômeno através de diferentes programas (ou teorias) equivale a nenhuma explicação - a predição é dificultada e corremos o risco de termos apenas explicações *ad hoc*. Teorias de teóricos camaleões são, além disso, dificilmente falseáveis, pois não se expõem em todas as suas consequências, sendo de sua própria essência mudar (à moda do camaleão) na medida em que não se adaptam aos "fatos" (ou às críticas). Imitar a realidade não é o mesmo que compreendê-la (Zelig é um mímico da realidade - não possui nenhum domínio sobre ela), e não se espera que a ciência se safe de situações complexas por mimetismo - alterando-se para se adaptar aos "fatos" - mas se espera que a ciência explique a realidade racionalmente, a partir de um programa de investigações.

3. O camaleão e a realidade brasileira.

Além de não se justificar de um ponto de vista epistemológico, a recomendação de Tarallo tem o defeito de acirrar o caráter postiço da vida cultural brasileira. Neste sentido, a recomendação é duplamente danosa.

É preciso levar em conta o bem conhecido ecletismo cultural do brasileiro. A religiosidade do brasileiro, por exemplo, é tão superficial que ele pode pertencer simultaneamente a religiões incompatíveis: ele pode ser católico romano e espírita, ou umbandista (além de ir, de vez em quando, assistir às reuniões do seicho-no-ie). A relação do brasileiro com as ideologias em geral é extremamente superficial. O brasileiro sente-se justificado a trocar de ideologia cō

mo quem troca de roupa. Ele pode aceitar simultaneamente ideologias contrárias, desrespeitando-as em sua coerência original.

Neste quadro cultural é que a recomendação de Tarallo tem que ser julgada. Se aceitamos viver neste fantástico mundo de faz-de-conta em que as incompatibilidades inexistem (na "geléia geral"), em que a regra é o pensamento "livre e solto", se aceitamos viver neste mundo onde a irracionalidade impera e onde a ortodoxia é um mal diabólico, onde a obrigação do ecletismo, da ortodoxia invertida, impera, então devemos aceitar a recomendação de Tarallo - tornemo-nos todos camaleões, e que a racionalidade da ciência se dane.

Se, por outro lado, recusamos o irracionalismo na ciência; se entendemos que a aceitação de teorias por mero modismo, como explicações *ad hoc*, implica numa desvalorização de nosso trabalho científico; se entendemos que o cientista vale por sua real contribuição à compreensão de uma certa área do conhecimento e não por sua erudição, por seu domínio de várias teorias, é preciso que digamos NÃO ao lingüista-camaleão porque ele não compreende as necessidades mais gerais de sua ciência e de sua cultura.

NOTA

1. O termo *modelo* não está sendo usado aqui com nenhum sentido teórico mais preciso. Equivale, grosso modo, aos termos *teoria*, *programa de investigação* (na terminologia de Lakatos) ou *paradigma* (na terminologia de Kuhn). A vagueza que emprestamos ao termo *modelo* encontra-se presente, também, no texto de Tarallo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JERNE, N. (1985) "É preciso desconfiar". *Veja* 873: 5-8.
- LAKATOS, I. (1978) "The methodology of scientific research programmes". *Philosophical Papers* Vol.1. Cambridge University Press.
- TARALLO, F. (1986) "Zelig: um camaleão-lingüista". *D.E.L.T.A.*, 2, 1: 127-144.